



CONSTRUÇÕES DE MATERNIDADE DURANTE A PANDEMIA: RELATO DE DOIS CASOS DE MULHERES QUE ENGRAVIDARAM POR FIV

Eixo Temático 25 - MULHERES E MATERNIDADES

Sophia Souza¹
Thais Dutra²
Beatriz Schmidt³

RESUMO

Este estudo investiga a construção do papel materno durante a pandemia de COVID-19, em mulheres que conceberam seus filhos através de fertilização *in vitro* (FIV). Realizou-se um estudo de casos múltiplos, com base em entrevistas semi-estruturadas. Participaram do estudo duas mães de crianças pré-escolares, uma em família biparental e outra em família monoparental. Elencou-se dois temas a partir da análise temática indutiva: a) papéis de gênero e sobrecarga feminina; b) construção do papel de mãe e culpa materna. Os resultados encontrados evidenciaram que a construção do papel de mãe foi marcada por emoções ambivalentes, autocobrança para atingir um ideal de maternidade, e acúmulo de tarefas e estressores. Ressalta-se a importância de novos estudos sobre a temática, com base em diferentes estratégias metodológicas.

Palavras-chave: Maternidade, Reprodução assistida, COVID-19, Sobrecarga feminina, Mãe solo.

INTRODUÇÃO

A maternidade tem sido definida e interpretada por construções sociais, culturais e religiosas, que variam conforme o tempo e o contexto (Badinter, 2009). Os debates de teóricas feministas sobre o assunto têm desconstruído a noção de maternidade como um papel essencialmente feminino e natural, ressaltando as complexas relações de poder e pressões sociais que moldam a experiência materna (Badinter, 2024).

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, sophiacsouza@gmail.com;

²Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, thaisdutra50@gmail.com;

³Professora orientadora: Doutora em Psicologia, Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre - UFCSPA, beatriz.schmidt@ufcspa.edu.br.



Na contemporaneidade, as mulheres enfrentam o desafio de equilibrar suas carreiras com as responsabilidades maternas, enquanto ainda são pressionadas a se dedicar intensamente ao bem-estar dos filhos (Hays, 1998). A pandemia de COVID-19 intensificou os desafios enfrentados pelas mulheres e mães, que se viram sobrecarregadas com as demandas de trabalho remunerado, cuidados domésticos e educação dos filhos (Hazarika & Das, 2021; Yavorsky *et al.*, 2021). Nesse contexto, a construção do papel de mãe tornou-se ainda mais complexa e desafiadora (Copatti *et al.*, 2023).

No cenário contemporâneo, as tecnologias de reprodução assistida (RA), como a fertilização *in vitro* (FIV) emergem como uma possibilidade para mulheres que enfrentam dificuldades reprodutivas ou optam por adiar a maternidade. Entretanto, esse caminho também é atravessado por expectativas sociais e transformações subjetivas profundas e, por vezes, contraditórias (Braga & Amazonas, 2005). Alguns autores defendem que as tecnologias de RA possibilitam que a maternidade passe a ser concebida como um projeto ou uma escolha (Teixeira *et al.*, 2009). Outros, compreendem que as mulheres que postergam a maternidade tendem a carregar ainda mais expectativas sobre o exercício do papel materno, amplificando sentimentos ambivalentes diante das inevitáveis dificuldades da maternidade (Travassos-Rodriguez & Féres-Carneiro, 2013).

Ao analisar os relatos dessas mulheres, pretende-se contribuir para o debate sobre a maternidade no contexto contemporâneo, evidenciando as particularidades da experiência materna durante a pandemia e as desigualdades de gênero que persistem. O objetivo deste estudo foi investigar a construção do papel de mãe durante a pandemia de COVID-19, em mulheres que conceberam seus filhos através de FIV.

METODOLOGIA

Realizou-se um estudo de casos múltiplos, qualitativo e transversal. Participaram do estudo duas mulheres que engravidaram via FIV, mães de crianças pré-escolares no momento da entrevista, sendo uma em família biparental e uma em família monoparental (dados sociodemográficos na Tabela 1).



Tabela 1 - Dados sociodemográficos das participantes

Caso	Configuração familiar	Idade	Cor	Escolaridade	Renda familiar
Ágatha	Biparental - Mãe, pai, dois filhos gêmeos (5 anos)	37 anos	Branca	Mestrado	R\$13.000
Betina	Monoparental - Mãe, avó, filho (3 anos)	41 anos	Negra	Especialização	R\$12.000

Fonte: Autoria própria.

Os dados foram coletados por entrevistas individuais semi-estruturadas, com duração de 68 minutos (caso A) e 53 minutos (caso B), através de videochamadas gravadas. A análise dos dados foi realizada utilizando os seis passos da análise temática (Braun *et al.*, 2019) indutiva. Os temas finais elencados foram: (a) *papéis de gênero e sobrecarga feminina*, e (b) *construção do papel de mãe e culpa materna*.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentação dos casos

Caso A

Ágatha e seu companheiro estavam juntos há 13 anos e, quando resolveram ter filhos, apresentaram dificuldades para engravidar, optando pela FIV.

A gente tentou durante um ano e meio, mais ou menos, e não *tava* rolando. Aí a gente fez fertilização *in vitro* e deu certo já na primeira... Eu que pedi *pra* colocar dois, pensando nisso né? Já que tá tão difícil de fazer, a gente já *bota* dois de uma vez...

Com relação a *papéis de gênero e sobrecarga feminina*, com as medidas de distanciamento social, o casal passou a trabalhar de casa (remotamente), dividindo a rotina de tarefas domésticas e cuidados dos filhos. Apesar das dificuldades, Ágatha relatou que ela e o marido conseguiram organizar uma rotina familiar e de trabalho que



abrangesse as demandas de todos.

Foi um choque, né, mudou completamente . . . Mas eu e o meu marido, a gente conseguiu se organizar bem, eu acho... Quando eu percebia que *tava* demais pra *mim* ter que dar conta de tanta coisa, aí a gente dividia mais tarefas, ele pegava mais coisas.

Apesar de compartilharem a realização das tarefas domésticas e de cuidado, Ágatha se sentia sobrecarregada quanto à dimensão invisível do manejo do lar.

Sou eu, tudo eu . . . Isso é bem exaustivo. Eu me sinto bem cansada, mas eu já quase que admiti que é assim . . . Faltou o X lá, é XY e o Y não consegue fazer isso, essa parte de organização. . . . E é exaustivo, isso cansa mais do que o próprio processo físico de fazer coisas.

Com relação à *construção do papel de mãe e culpa materna*, um fator estressor relatado pela entrevistada foi autocobrança para não cometer erros e manter o humor eufímico.

É difícil porque eles te têm como exemplo, e aí parece que tu tem aquela sobrecarga de *tá* sempre fazendo tudo certinho... Não pode errar, também, porque senão “nossa, como assim?” . . . Então tem esse peso assim, e o peso de fazer tudo funcionar, a sensação que eu tenho é assim, quando eu *tô* triste na casa, tudo desanda, aí todo mundo começa a se desorganizar também...

Esse aspecto da vida familiar parece ter sido intensificado pelo acúmulo de estressores durante a pandemia, levando à exaustão em alguns momentos, segundo os relatos da participante.

Caso B

Betina congelou seus óvulos quando descobriu que não poderia ter filhos naturalmente e, alguns anos depois, realizou uma FIV por produção independente.

Eu descobri que eu não podia ter filho no modo normal, aí quando eu tinha 35 anos eu congelei óvulos... Passou um tempo, o médico me ligou e disse que *tava* na hora, que eu não podia esperar mais. Então eu... *Tava num* relacionamento, e naquele momento ele não queria ter filhos, aí eu optei por eu ter um filho sozinha. [...] Decidi assumir esse papel sozinha.

A entrevistada vivia em um arranjo familiar multigeracional, coabitando com sua mãe e seu filho. Além disso, a família morava perto da irmã de Betina, proporcionando uma rede de apoio mútuo, particularmente entre as três mulheres. Nesse sentido, Betina compartilhava algumas tarefas domésticas e de cuidado com suas familiares, mas, ao mesmo tempo, tinha outras demandas adicionais, como a responsabilidade pelo cuidado com a mãe idosa.



No que diz respeito aos *papéis de gênero e sobrecarga feminina*, durante a pandemia, Betina trabalhou de forma remota por um período, e voltou ao trabalho presencial posteriormente. O trabalho remoto foi uma experiência positiva para ela que, na modalidade presencial, tinha pouco contato com o filho e com a família.

Pra mim foi muito bom porque como eu voltei pra casa no trabalho remoto, eu pude acompanhar esse desenvolvimento dele, que quando a gente tá trabalhando a gente perde muitas coisas, né? Então... Pra mim eu não posso reclamar, assim, que não foi tão difícil trabalhar e poder conviver com ele, assim. Pra mim foi ótimo.

Com a volta ao trabalho presencial, Betina passou a contar com a ajuda da irmã, que cuidava de Bento enquanto ela trabalhava. Porém, Betina não se mostrou satisfeita com esse arranjo de cuidado, por entender que estaria prejudicando a irmã.

Agora acho que eu tô atrapalhando um pouco, e por isso acho que também essa minha ansiedade de sair logo [do trabalho], né? Porque daí [ele] vai ficar comigo, mas eu vou poder dividir meu papel de estudo e cuidados... Eu acho que eu tô atrapalhando a vida dela, pra mim não tá bom.

No que tange à *construção do papel de mãe e culpa materna*, apesar de se considerar uma boa mãe, Betina mencionou que não era “a mãe que gostaria de ser”.

Eu queria poder dar mais atenção, brincar mais, mas eu faço tudo que eu posso . . . Eu peço ainda nisso, tá? Eu preciso estudar, eu preciso dar banho nele, eu preciso alimentar, eu preciso dar atenção pra minha mãe também, e me falta tempo pra isso, então eu não sou uma mãe 100% ainda, do que eu queria ser.

Discussão

Em relação aos *papéis de gênero e sobrecarga feminina*, a análise dos relatos evidencia como a pandemia acentuou desigualdades de gênero na divisão do trabalho doméstico e de cuidado (Yavorsky *et al.*, 2021), mesmo em contextos em que houve um esforço para compartilhar as tarefas. No caso de Ágatha, apesar de uma divisão prática das tarefas com o parceiro, persistiu a responsabilidade invisível de gerenciar a vida familiar, refletindo uma dinâmica tradicional de gênero que atribui à mulher o papel de gestora do lar (Wayne *et al.*, 2023). Esse cenário se alinha às discussões que apontam como o trabalho reprodutivo, essencial à manutenção da vida, permanece majoritariamente invisibilizado e atribuído às mulheres (Wayne *et al.*, 2023, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2016).



No caso de Betina, inserida em um arranjo monoparental e multigeracional, observa-se a centralidade da rede de apoio feminina para viabilizar a conciliação entre trabalho e cuidado. O suporte da mãe e da irmã são apresentados como elementos essenciais, revelando uma configuração muito presente no contexto brasileiro, em que redes de solidariedade entre mulheres - especialmente entre mães, avós e tias das crianças - desempenham um papel crucial no suporte às mães-solo (Cunha *et al.*, 2021; Schmidt *et al.*, 2019). Apesar disso, o relato evidencia como essa rede, embora vital, nem sempre elimina a sobrecarga emocional.

No que tange à *construção do papel de mãe e culpa materna*, os relatos das participantes evidenciam a complexidade da construção do papel de mãe, especialmente no contexto da pandemia de COVID-19. A culpa materna, sentimento recorrente e multifacetado, profundamente enraizado nas pressões culturais e sociais impostas às mães (Badinter, 2024), emerge com particular intensidade nesses relatos, intensificada pelas demandas e incertezas do período.

Ágatha e Betina abordaram aspectos diferentes do mesmo fenômeno. O caso A destaca a sobrecarga emocional e a pressão por perfeição experimentadas pela participante. Os relatos evidenciaram a crença de que a mãe deve buscar a perfeição, gerando uma pressão constante por excelência (Verniers *et al.*, 2022). A participante também expressou a que sua tristeza impactava negativamente o ambiente familiar, reforçando a ideia de que a mãe é responsável pelo bem-estar emocional de todos.

No caso B, por sua vez, a entrevistada referiu incômodo ao precisar de auxílio para atender às demandas do filho, sentindo-se culpada por considerar que atrapalhava a rotina da irmã. Esse relato reflete a centralização da responsabilidade de cuidado dos filhos como uma atribuição exclusivamente materna, como descrito por Hays (1998). Ademais, o caso B ilustra a construção do papel materno e sua relação com a dinâmica da culpa relacionada à percepção de tempo e atenção (sempre) insuficientes (Hays, 1998). Mesmo se desdobrando para atender às múltiplas demandas (*i.e.*, dar atenção ao filho, estudar e cuidar de outros familiares), Betina expressava o desejo de dedicar mais tempo ao filho, revelando um sentimento de inadequação em relação a um ideal inalcançável de maternidade. A sensação de "não dar conta" tende a ser intensificada pelo acúmulo de estressores no período pandêmico, além da carga emocional e dos



significados atribuídos à maternidade (Verniers *et al.*, 2022), sobretudo no caso de concepções por FIV, que possivelmente ampliam as expectativas em torno do papel idealizado de mãe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados deste estudo evidenciam a complexidade envolvida na construção do papel materno durante a pandemia, em mulheres que conceberam por FIV. A maternidade nesse cenário é multifacetada, atravessada por demandas sociais, relacionadas ao papel materno idealizado. Essa pesquisa buscou investigar em profundidade a experiência de maternidade de duas mães e, com base nos achados, ressalta-se a importância ampliar os conhecimentos sobre o fenômeno com outros estudos utilizando abordagens metodológicas distintas.

REFERÊNCIAS

- BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. Tradução de Waltensir Dutra.
- BADINTER, Elisabeth. *O conflito: a mulher e a mãe*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2024. Tradução de Vera Lúcia dos Reis.
- BRAGA, Maria da Graça Reis; AMAZONAS, Maria Cristina Lopes de Almeida. Família: maternidade e procriação assistida. *Psicologia em Estudo*, v. 10, n. 1, p. 11–18, 2005.
- BRAUN, Virginia et al. Thematic analysis. In: LIAMPUTTONG, Pranee (ed.). *Handbook of research methods in health social science*. Singapore: Springer, 2019. p. 843-860.
- COPATTI, Ana Luiza et al. Ser mulher e mãe em tempos de Covid-19. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 43, 2023.
- CUNHA, Érica Vidal; MELCHIORI, Lúcia Ebner; SALGADO, Manoel Henrique. Tempo de cuidado com o bebê, divisão de tarefas e rede de apoio materna. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, v. 14, n. 2, p. 1-27, 2021.



HAYS, Sharon. *The cultural contradictions of motherhood*. New Haven: Yale University Press, 1998.

HAZARIKA, Objia; DAS, Sarmistha. Paid and unpaid work during the Covid-19 pandemic: a study of the gendered division of domestic responsibilities during lockdown. *Journal of Gender Studies*, v. 30, n. 4, p. 429–439, 2021.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. *Economia dos cuidados: marco teórico-conceitual*. Brasília: Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão, 2016. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/7412/1/RP_Economia_2016.pdf.

PEREZ, Alice Vazarin et al. Identidade e trabalho: mulheres em um contexto de pandemia e home office. *Revista Espirales*, v. 6, n. 1, p. 84-101, 2022.

SCHMIDT, Beatriz et al. A qualitative multiple case study of the division of labor across the transition to parenthood in South-Brazilian families. *Sex Roles: A Journal of Research*, v. 81, n. 5-6, p. 272–289, 2019.

TEIXEIRA, Leônia Cavalcante; PARENTE, Flávia Soares; BORIS, Georges Daniel Bloc. Novas configurações familiares e suas implicações subjetivas: reprodução assistida e família monoparental feminina. *Psico (PUCRS)*, v. 40, n. 1, p. 24–31, 2009.

TRAVASSOS-RODRIGUEZ, Fernanda; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Maternidade tardia e ambivalência: algumas reflexões. *Tempo Psicanalítico*, v. 45, n. 1, p. 111–121, 2013.

VERNIERS, Catherine; BONNOT, Virginie; ASSILAMÉHOU-KUNZ, Yvette. Intensive mothering and the perpetuation of gender inequality: evidence from a mixed methods research. *Acta Psychologica*, v. 227, 2022.

WAYNE, Julie Holliday et al. Who's remembering to buy the eggs? The meaning, measurement, and implications of invisible family load. *Journal of Business and Psychology*, v. 38, p. 1159–1184, 2023.

YAVORSKY, Jill; QIAN, Yue; SARGENT, Amanda. The gendered pandemic: the implications of COVID-19 for work and family. *Sociology Compass*, v. 15, n. 6, e12881, 2021.